

# CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS "TESES SOBRE FILOSOFIA DA HISTÓRIA", DE WALTER BENJAMIN

PEDRO PAULO A. FUNARI\*

Os objetivos deste artigo limitam-se ao estudo de alguns aspectos essenciais do texto de Walter Benjamin, "Sobre o conceito da História (1)". Apresentarei, de forma sumária, um estado atual dos estudos sobre o texto, proporei algumas abordagens específicas e, ao final, ressaltarei qual sua inserção no contexto historiográfico contemporâneo.

Não se trata de apresentar dados biográficos, ademais bastante conhecidos, mas de ressaltar características de construção da personalidade de Benjamin que esclareçam sua obra. Neste sentido, tendo nascido em família judia, em 1892, na capital do Reich, pôde usufruir de uma formação fortemente influenciada tanto pela filosofia alemã como pela cultura rabínica. Quanto à primeira, Benjamin obteve título de graduação em Filosofia já em 1912, o que explica, de imediato, o peso da tradição hegeliana presente em sua obra, além do conhecimento diversificado da produção filosófica alemã. Ainda pelo mesmo motivo, explica-se a ausência de referências, em seus trabalhos, externas a este ambiente cultural prevalecente nos *Mitteleuropäische Länder* (*grosso modo*, a área da Europa central de fala e escrita acadêmica alemã), exceção feita à França. Quanto ao segundo aspecto, duas características centrais de sua obra enraízam-se na cultura judaica *ashkenazi*, em particular, o messianismo e a presença da *Trauerlichkeit*, ou melancolia, como elementos centrais da visão do passado. Ambos aspectos serão tratados mais adiante.

\*Professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

1. O original consultado, "Über den Begriff der Geschichte", foi editado por Rolf Tiedeman e Hermann Schweppenhauer, in *Gesammelte Schriften*, vol.I, tomo 2, Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1974, pp. 691-704.

Ainda no nível pessoal, caberia lembrar sua amizade com duas personalidades: Bertolt Brecht e Gershom Scholem. Este último, com *A idéia messiânica no judaísmo* (2), obra maturada, em parte, em conversas com Walter Benjamin, influenciaria o amigo de uma forma especificamente hebraica, em contraste com a ausência de qualquer judaísmo em Marc Bloch (3). Perseguidos ambos por serem de família judia, teriam reações opostas, aproximando-se Benjamin do messianismo judaico e afastando-se Bloch de qualquer identidade acadêmica judaica. Quanto a Brecht, não apenas amigo mas, também, um mestre para Benjamin, seria fundamental para a definição deste, no interior do marxismo, como opositor, mais ou menos explícito, da "acomodação" dos membros do Institut für Sozialforschung de Frankfurt. Em especial, caberia lembrar a apropriação, por parte de Benjamin, do conceito de *Veifremdung*, ou alienação cultural, em oposição a *Entfremdung*, ou alienação econômica, proposta por Marx e radicalizada por Adorno. Brecht e Benjamin tinham os pés na terra e opunham-se, quanto a isso, ao idealismo absoluto de Adorno e Horkheimer.

No que se refere à vida acadêmica, Benjamin apresentou uma tese de doutoramento, em Berna, sobre o romantismo alemão, destacável enquanto trabalho de crítica literária. Desde logo, assim, Benjamin seguiu o caminho trilhado, entre nós, por Antônio Cândido, de partir da ciência social, em seu caso da Filosofia, para o estudo da forma literária. Esta constitui outra característica marcante de sua obra, não apenas o referencial literário e artístico, mas a própria construção do seu texto como *Kunst*, através de recursos não acadêmicos e, até mesmo, extragramaticais, como o uso de imagens, como veremos abaixo. Outro aspecto articulado, ligado à melancolia, é a rejeição de sua tese de livre-docência, em Frankfurt, em 1925 (4). A ruptura formal com a academia, seu engajamento ao lado dos *Unterdrückten*, os oprimidos, ultrapassaria aqueles limites e o impulsionaria rumo ao aprofundamento da crítica ao meio acadêmico. Ambos procedimentos aparecem, muito nitidamente, nas *Teses sobre filosofia da história*. Por fim, o exílio conduziria Benjamin à ligação institucional com o Instituto de Frankfurt, o que permitiria aprofundar sua análise heterodoxa, mesmo para os frankfurtianos, da obra de arte na sociedade contemporânea.

O texto, denominado posteriormente *Über den Begriff der Geschichte*, foi escrito na fase final da vida de Benjamin, no primeiro semestre de 1940, imediatamente antes de sua fuga das tropas germânicas e do seu suicídio na fronteira da Espanha. Deve-se recordar que este primeiro semestre de 1940

2. Aqui consultada em sua versão inglesa, G. Scholem, *The messianic idea in Judaism and other essays in Jewish spirituality*, Nova York, Plenum, 1971.

3. Cf. C. Fink, *Marc Bloch: a life in history*, Cambridge, Canto, 1991, passim.

4. *Origem do drama barroco alemão*.

se mostrou profundamente depressivo para toda a intelectualidade ocidental, pois os avanços nazista e stalinista estavam caminhando sem freios. Isto explica o fato de o texto ter-se mantido inédito até o pós-guerra e, talvez de forma ainda mais clara, articular-se em tomo do horror (*Grauen*), não um terror ou medo abstrato, mas um tomar-se cinza, pálido, desfalecido: tomar-se *grau*, ou cinza, diante de um presente também cinza. O estilo do texto, fortemente estético, entremeado de citações poéticas e pictóricas, constrói-se, também, com essa imagética, como, em particular, nas analogias e metáforas: heliotropismo (IV) [5], um quadro que passa como um relâmpago (V), *Angelus novus* e a tempestade (IX), o salto do tigre na arena (XIV), o fruto nutritivo (XVII). Talvez o exemplo mais claro da construção poética esteja ao final da tese de número XII:

"Denn beide niihren sich an dem Bild der geknechteten Vorfahren, nicht am Ideal der befreite Enkel" ("Porque um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados").

As obras de Benjamin foram publicadas, muitas delas, postumamente, e apenas na década de 1970 Rolf Tiedemann publicaria suas obras completas. Em português, as duas traduções mais correntes apresentam problemas, talvez inerentes a toda versão, mas que exigem certa cautela do usuário. A tradução de Flávio Kothe (6), grande especialista no autor, sem dúvida muito superior àquela vulgarizada por edição da Editora Brasiliense, procura preservar o sabor original, afastando-se pouco do alemão, mas dificultando a leitura do texto por parte de leitores que não dominam o original. Apresenta, no entanto, falhas de leitura, como no trecho acima citado, sobre os antepassados. De fato, Kothe, provavelmente pela própria facilidade de leitura que possui do alemão, leu erradamente *der befreiten Engel* (em vez de *der befreite Enkel*), traduzindo-o por "do anjo liberto". Contudo, isto não muda a avaliação da tradução de Sérgio Paulo Rouanet, publicada pela Brasiliense, por demais livre, capaz de alterar o sentido de frases inteiras. É o caso, mais gravemente, da tradução de *Dokument der Kultur* por "monumento (*sic!*) da cultura" (VII) [7].

### A construção da narrativa

O texto constrói-se como uma resposta messiânica e teológica aos dois elementos alienados, na percepção benjaminiana: o historicismo e a social-

5. Os números em algarismos romanos referem-se à divisão das teses na publicação original alemã.

6. *Walter Benjamin*, São Paulo, Ática, 1985, pp. 153-64.

7. Na correta tradução de Kothe, a frase readquire sentido: "Não há documento da cultura que não seja ao mesmo tempo um documento da barbárie" (op. cit., p.157). Confundir *Dokument* com *Denkmal*, em trecho tão importante de Benjamin, demonstra a fragilidade da versão, infelizmente, mais usada em nosso meio.

democracia. São duas facetas de uma mesma e única percepção de mundo que partem da negação do passado e, portanto, do presente. Insere-se, na trajetória intelectual do autor, em sua luta com o historicismo, identificado com a academia repressora, reacionária e idealista; e com a social-democracia, com a miopia da SPD que permitiu a ascensão do fascismo, ambos, nazismo e academia, na origem da oposição a Benjamin. Sua perseguição, por parte do nazismo, e seu insucesso acadêmico formal são, portanto, os eixos articuladores do discurso.

Pode-se dividir o texto em sete momentos, seguidos de dois apêndices relacionados com os momentos precedentes:

1. Introdução: I (teologia);
2. A construção do passado: II-IV;
3. Historicismo *versus* materialismo histórico: V-VII;
4. Social-democracia *versus* materialismo histórico: VIII-XIII;
5. Temporalidade histórica: XIV-XV;
6. Historicismo, materialismo histórico e tempo histórico: XVI-XVII;
7. Conclusão: messianismo;

Apêndice I: Historicismo e messianismo;

Apêndice II: Tempo histórico e messianismo.

Embora uma leitura superficial induza o leitor a supor uma construção paratática do texto, como se cada item fosse acrescentado aleatoriamente ao outro, pode-se perceber uma espiral que, partindo e chegando à teologia messiânica, cumpre etapas sucessivas de aprofundamento dos temas propostos. Uma analogia musical poderiam ser as variações sobre um tema, mas a chave para sua compreensão encontra-se no quadro de Paul Klee, citado por Benjamin e articulador de sua construção. Esse quadro, comprado por Benjamin, em 1921, do próprio Klee, havia sido feito no ano anterior e, hoje, conserva-se no Israel Museum, em Tel Aviv, tendo ficado em poder de Benjamin até a sua fuga de Paris, em meados de 1940. O texto dificilmente seria compreendido sem uma visão desse quadro que, a um só tempo, descreve a História, em forma de anjo, e o próprio texto de Benjamin. A História, pois ela "vê uma catástrofe única que, sem cessar, acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante de seus pés [ ... ] uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o, ininterruptamente, para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu". A História, portanto, não olha o futuro, mas é impulsionada pelo passado. É notável o recurso imagético de Benjamin, pois procura exprimir uma concepção de História não verbal mas, essencialmente, como uma imagem, *Bild*, imagem ou quadro que é uma educação, instrução, cognição imagética: *Bildung*.

Além disso, seu texto constrói-se como uma espiral, na qual cada elemento se acumula sobre o anterior, completando, a cada volta, uma subida em direção ao mesmo fim, a teologia. Apresenta-se isso em três temas recorrentes nas teses, articulados pela espiral, de forma sintática: messianismo e teologia; materialismo histórico e historicismo, temporalidade e social-democracia. O messianismo aparece, logo ao início do texto (I) como teologia e caracterizase como ruptura escatológica, como retomo ao passado, observação retroativa e ação presente. A ruptura de Benjamin deriva da sua concepção de tempo da consciência histórica (XV), por oposição ao tempo linear e vazio, situando-se o presente como algo que está parado (*stillstehen*, XVI). Este presente, potencialmente messiânico, apresenta-se para o historiador como uma construção estática, uma *Stillstellung* (XVII): "A historiografia materialista tem subjacente um princípio construtivo. Ao ato de pensar pertence não só o andamento dos pensamentos, mas também a sua fixação [*Stillstellung*]". Este presente impele à ação, ação reflexiva sobre o e a partir do passado, ecoando, certamente, Goethe: "jede Tatsache ist schon Theorie", ou, "toda ação é já, imediatamente, teoria". Mas teoria é o ato de *theoréin*, olhar, observar, como no *Angelus novus*, olhar o passado: "vor uns erscheint, da sieht er eine einzige Katastrophe (8)". Ele vê, teoriza, age.

Neste ponto, cabe, antes de retomar, finalmente, à teologia, descer ao historicismo como inimigo acadêmico e filosófico. A referência direta e óbvia a Leopold von Ranke (VI), como sua caracterização da História como uma descrição *wie es denn eigentlich gewesen* (9), assim como a Fustel de Coulanges (VII), remetem a uma oposição formal, acadêmica, à tradição historicista. Esta oposição inicia-se pela introdução do sentimento do materialista histórico, que sente o perigo da tradição (*die Gefahr der Tradition*, VI), que se ergue como lutadora contra a empatia passiva (VII): o anticristo (VI) deve ser combatido, causa horror, toma-nos pálidos (*grauen*). Enquanto o historicista compraz-se no sentir, ou consentir, com os dominantes do passado (*Einfühlung*), o materialista histórico sofre (*trauen*), entristece, toma-se melancólico (*Traurigkeit* e *Acedia*). Esta, a acedia, citada por Benjamin através da teologia medieval, é, a um só tempo, a indiferença, o descuido (*akedía*, "sem cuidado") e, portanto, a melancolia. Hábil transfiguração de Benjamin, retomando a indiferença platônica, ciceroniana e medieval, e transportando-a ao universo científico do historicismo. Esse passado do historicista é eterno (*ewig*, XVI), um caminho único, experiência irrepetível (*Erfahrung*) para o materialista histórico. Assim, o historicismo é ateu, não possui uma armadura teórica (*theoretische Armatur*, XVII) capaz de construir esse passado

8. "Onde diante de nós aparece uma série de eventos, ele vê uma catástrofe" (IX).

9. Primeiramente formulada em *Geschichte der romanischen und germanischen Völker*, Bedim, 1824, p. VII.

(*konstrutives Prinzip*).

Se essa falsa concepção de passado conduz, na academia, à defesa do *status quo ante*, a ausência de passado na social-democracia conduz à desgraça da barbárie. A luta contra o fascismo (VIII) (*Kampf gegen den Faschismus*) é uma *Kulturkampf* o progresso e a cegueira que ele causa estão na origem (*Ursprung*) da perdição. O desenvolvimento está na raiz dessa concepção evolucionista, que delega à natureza o *Entwicklung*, o desabrochar de algo já pronto. Deixam-se de lado as relações sociais, olvida-se a exploração: "Ela só quer tomar conhecimento dos processos na dominação da natureza, e não nas regressões da sociedade (10)". Passos à frente (*Fortschritte*) na técnica não coincidem com passos à frente na sociedade, mas com passos atrás (*Rückschritte*, XI). O agente de ação social é a classe oprimida e combativa (XII), disposta a *sentimentos*, ódio e sacrifício, para transformar a sociedade. 10 Esse sentimento baseia-se não no futuro, inexistente, mas no passado, algo expresso, muito claramente, no próprio nome *Spartacus* (XII).

Esses dois momentos, acadêmico e social, fundam-se numa oposição à redenção messiânica apresentada, por Benjamin, como solução, ao início e ao final do seu texto. Sua escatologia messiânica é, sem dúvida, rabínica: "Torá e orações são ensinadas na rememoração" (II), mas tomada laica, à maneira da moral do trabalho protestante, como negação ao tempo homogêneo e vazio (11). Esse o fundamento último articulador da espiral construtiva do texto, a *Bewusstsein* (XV), a consciência histórica advinda do tempo pleno e inchado, não linear, mas construído pelo passado.

### **A construção contextual profunda do texto**

Esse texto situa-se em um determinado espírito da época que deve ser lembrado. Não retomarei, aqui, ao Instituto de Frankfurt e sua ligação com Benjamin, tema controverso já acenado, brevemente, acima (12). Parece-me que Rolf Tiedemann bem ressaltou as questões ligadas às relações de

10. Cf. W. Benjamin, *Documentos de cultura, documentos de barbárie (Escritos escolhidos)*, org. por Willi Bolle, São Paulo, Cultrix/duSP, 1986, p. 151: "Há uma concepção da História que, confiando na eternidade do tempo, só distingue o ritmo dos homens e das épocas que correm rápida ou lentamente na esteira do progresso. A isso corresponde a ausência de nexos, a falta de precisão e de rigor que ela coloca em relação ao presente".

11. Cf. Jeanne-Marie Gagnebin, *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo, Perspectiva/Unicamp, 1994, p. 111: "Lembremos aqui, rapidamente, que a crítica de Benjamin não diz simplesmente respeito à ideologia do progresso da social-democracia; nem somente à erudição cansativa, pretensamente desinteressada do historicismo; por trás dessas duas escritas aparentemente contraditórias da História, Benjamin visa à mesma concepção de 'tempo homogêneo e vazio' (tese XIII)".

12. Sobre isso, veja-se de Flávio Kothe, *Benjamin & Adorno: confrontos*, São Paulo, Ática, 1978, e

desvio metodológico pode enriquecer a análise de um autor, de uma época. Para isso, recorro ao caráter *alemão* de Walter Benjamin. De fato, suas menções aos referenciais anglo-saxões e italianos são negligenciáveis. Contudo, encontram-se em Benedetto Croce três analogias fundamentais com a produção benjaminiana, explicáveis por esse *Zeitgeist* que incluía, principalmente, o referencial filosófico de Hegel e a poética de Goethe. Croce, com o seu *Il primato del fare* (14), retoma e reinterpreta o papel da ação social de forma surpreendente semelhante a Benjamin, levando-se em conta que não se referem, de modo direto, um ao outro. Trata-se, é natural, da matriz hegelianadapraxis, mas, não resta dúvida, inclui uma *certa* leitura hegeliana que perpassava a cultura ocidental, em sua oposição ao historicismo. Ligado a esse tema, surge aquela da *conoscenza dal presente*, estabelecendo o presente como parâmetro para o passado e não o contrário, como advogava o historicismo. Sem dúvida, graças à divulgação do filósofo e historiador britânico R. G. Collingwood (15), essa noção tomou-se central ao pensamento histórico ocidental e, presente em Benjamin, funda-se, também aí, num certo *Mittwelt* intelectual comum. Por fim, o grande tema da crônica, do relato histórico. O cronista de Benjamin (III), que não distingue grandes e pequenos acontecimentos, e que constrói e tece um constructo histórico (XVII), representa uma curiosa associação/dissociação com o conceito de crônica de Croce (e, por esse autor, relaciona-se com Collingwood et alii). Associação, pois, em *Storia e cronaca*, Croce propõe o papel de tecelão, de articulador, por parte do historiador, por oposição ao cronista, identificado com aquele que adiciona, simplesmente, fatos sobre fatos, como uma crônica (16). Dissociação clara, por outro lado, pois se o conceito e a crítica ao historicismo identificam-se, as terminologias opõem-se: o cronista de Croce não coincide com o cronista de Benjamin.

De qualquer modo, esse pequeno excuro permite desfazer a falsa, embora expandida, idéia de total excepcionalidade de Benjamin em sua época. Sem dúvida, seu antiacademicismo, sua construção poética do texto, seu recurso, como nas *Teses*, à imagética para a conceptualização, afastam-no do *mainstream*. Ainda mais, seu recurso ao messianismo afasta-o de uma tradição de distanciamento desse tipo de analogia ou engajamento.

*Para ler Benjamin*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976 e, em sentido contrário, Jeanne-Marie Gagnebin, *Zur Geschichtsphilosophie Walter Benjamins*, Frankfurt, Fischer, 1992.

13. Id., *ibid.*, *passim*.

14. B. Croce, *Poesia, storia. Pagine trarte da turte le opere a cura dell' autore*, Nápoles, Ricciardi, s.d.

15. *A idéia de História*, tradução de Alberto Freire, Lisboa, Presença, 1978.

16. Em Benjamin, XVII: *sie bietet die Masse der Fakten auf*.

Contudo, não deixa de representar um ponto, um elemento de um ambiente cultural que abrangia outros pensadores não diretamente relacionados a ele.

### **A presença de Walter Benjamin na historiografia contemporânea**

A edição de suas obras não se fez imediatamente, nem sua difusão ocorreu logo. Ao contrário, iniciou-se sua divulgação nos meios literários e filosóficos, o que explica sua pouca difusão entre historiadores. No Brasil, seus exegetas e estudiosos concentram-se nessas duas áreas (17). Quanto à historiografia, a primeira observação refere-se à ausência de referências a Benjamin em estudos recentes e bastante conhecidos, sobre a historiografia contemporânea (18). Isto não significa, contudo, ausência de Benjamin (19). Entretanto, não pretendo realizar uma resenha das referências diretas a Benjamin mas, ao contrário, observar os pontos, nas discussões contemporâneas da historiografia, os ecos da vitalidade da contribuição benjaminiana.

O tema da narrativa histórica, *die Erzählung*, constitui elemento central das preocupações de diversos historiadores preocupados com a teoria da História e que buscam, em Benjamin, concepções e inspirações. O caso alemão é particularmente instigante, pois retomam-se vários temas benjaminianos. Assim Reinhardt Koselleck (20) trata da utopia, do conceito de passado e da historicidade dos próprios conceitos, reapropriando, por exemplo, a noção de *ruptura* histórica, ruptura nos conceitos significantes. Oskar Negt, trabalhando no Institut für Sozialforschung de Frankfurt, retoma, explicitamente, a questão da historicidade da verdade, enquanto categoria a ser utilizada pelo historiador (21). Wolfgang Mommsen reelabora diversas considerações sobre a *Geschichtsschreibung* como

17. Em especial, Willi Bolle, Jeanne-Marie Gagnebin, Flávio Kothe e Sérgio Paulo Rouanet.

18. Pietro Rossi, *Storia e storiismo nella filosofia contemporanea*, Milão, Lercici, 1960, idem, *La Storiografia contemporanea. Indirizzi e problemi*, a cura di Pietro Rossi, Milão, Il Saggiatore, 1987; mais surpreendente, por tratar-se de estudo sobre a historiografia germânica, é o silêncio de Ernst Schulienem "Geschichtswissenschaft in unserem Jahrhundert, Probleme und Umrisse einer Geschichte der Historie", *Historische Zeitschrift*, 245, I, 1987, pp. 1-3D; também ausente em R. Koselleck, entre outros.

19. Apenas um exemplo de referência direta bastará demonstrar a influência de Benjamin: Michael Shanks & Christopher Tilley, *Re-constructing Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, obra que marca nova etapa nos estudos na área da Arqueologia.

20. *Vergangene Zukunft: zur Semantik geschichtlichen Zeiten*, Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1979.

21. E.g. "What is a revolution and Why do we need one today?", in C. Nelson & L. Grossberg, *Marxism and the interpretation of culture*, Houndsmill, Macmillan, 1988, pp. 211-34.



*construção*, como algo dependente de princípios de construção narrativa (22); ainda na mesma linha, outros autores poderiam ser lembrados (23).

Não se limita, contudo, à produção alemã essa influência benjaminiana indireta. Bastaria citar David Harlan, em seu *The return of literature*, para conscientizar-se da manutenção das preocupações de Benjamin (24). Por fim, não se pode deixar de lembrar Natalie Zemon Davies, que, a partir de Benjamin e de Paul Klee, com seu *Angelus novus*, propõe uma nova imagem da História: bifronte (25).

## **Conclusão**

O legado benjaminiano encontra-se na interface das diversas ciências humanas e talvez coubesse uma breve reflexão pessoal, subjetiva, a seu respeito. A obra de Benjamin, na medida em que se funda no sentimento, na *aisthesis* ou percepção estética do mundo, apresenta uma riqueza de leitura e de interpretações muito fértil. Sua mensagem última seria, quem sabe, uma paráfrase de Goethe: "es gibt nur eine Poesie, die Wahre", há apenas uma poesia, a verdadeira. Seria o caso, também, da História e da sua escrita: "es gibt nur eine Geschichtsschreibung, die Wahre", há apenas uma maneira de escrever a História, a verdadeira.

22. "Die Sprache des Historikers", *Historische Zeitschrift*, 238,1,1984, pp. 57-81.

23. Como Franz Georg Maier, "Der Historiker und die Texte", *Historische Zeitschrift*, 238,1, 1984, pp.83-94.

24. *American Historical Review*, 94,3, 1989, pp. 581-688.

25. "History's Two Bodies", *American Historical Review*, 93,1,1988, pp. 1-30.